

Resenha

ONDJAKI. *Bom dia, camaradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 135 p.

A GUERRA CIVIL ANGOLANA

A luta armada em Angola, que se sobrepôs a séculos de dominação portuguesa, mesmo após a independência, persistiu, estendendo seu rastro de destruição, ceifando vidas e mantendo acesa a chama da batalha que colocava em posições antagônicas as forças militares apoiadas pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Assim, UNITA e MPLA protagonizaram décadas de uma guerra sangrenta, sendo que a ascensão de um governo de esquerda que assumiu o poder contou com a ajuda de soviéticos e cubanos, que em nome dos ideais da revolução trabalharam efetivamente como aliados na reconstrução do país. Essa reconstrução, no entanto, ocorreu como uma tentativa insana de recompor a situação de destruição que sucedeu ao fim do colonialismo português, quando o país encontrava-se arrasado sob vários aspectos. Desse modo, a concepção de um regime socialista, visto na distância do tempo, retoma o tema da infância, tão precioso a Ondjaki, escritor da nova geração angolana, que se coloca em posição privilegiada, observando o período de euforia e desencantamento com relação ao socialismo, em decorrência do fim da utopia revolucionária, que em Angola se converteu na forma mais brutal do capitalismo predatório.

Assim, o recorte que Ondjaki opera sobre o país de sua infância difere do olhar revolucionário que caracteriza parte significativa da produção literária angolana, nos anos que antecedem e se seguem à independência, querendo talvez parecer muito mais com a ideia de uma condição conflitiva de situações que reproduzem, no socialismo, o mesmo modelo de culto à personalidade que caracterizou o longo período da ditadura salazarista à frente do poder. *Bom dia, camaradas*, portanto, procede o encaminhamento das relações do povo angolano com os militares soviéticos e os professores cubanos que, no afã de dar conta dos princípios básicos do socialismo, esbarram em diferenças culturais, sobretudo, nos aspectos da língua, como elementos que, se não chegam a se constituir em estorvo, configuram uma situação a ser contornada. Todavia, noventa e nove fora o processo revolucionário em curso, o estabelecimento de relações desiguais encontra, do ponto de vista humano, aspectos extremamente ricos, pontificando o sentido de um aprendizado que circula em via de mão dupla, tendo em vista o inesperado como fator que transpõe o sentido único da revolução.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 16	n. 26	p. 225-227	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
--	----	-------	-------	------------	--

Por sua vez, a fala de um menino como agente da narrativa deixa claro o descompasso, no plano do entendimento, do que vem a representar toda a investida socialista, na medida em que a esta se embute um outro modelo de autoridade, que difere na intenção, mas se iguala na forma impositiva a qualquer outra. A escola tem agora professores cubanos que, mais que tudo, induzem o alunado a lutar sem medo, morrendo, se for preciso, contra a invasão do inimigo representado por diferentes expressões do capitalismo. O temor dos alunos diante da possibilidade do grupo armado Caixão Vazio invadir a escola e chacinar a todos é duramente repreendido pelo professor cubano, para quem não existe a menor possibilidade de se esmorecer diante do inimigo que os ameaça. A exortação dos jovens configura o lugar da revolução diante de um clima adverso que persiste em aparecer durante toda a narrativa, haja vista a situação que Ondjaki descreve, após o malogro do socialismo. Por conta disso, *Bom dia, camaradas*, para além de recorrer às reminiscências do convívio com soviéticos e cubanos, confirma o lugar da crítica possível aos descaminhos do regime.

Fica evidente que, ao contrário do que poderia representar uma exaltação à revolução que não teve continuidade, com o fim da União Soviética e a derrocada do socialismo, *Bom dia, camaradas* enfoca certo período da guerra civil, no fim da década de 1980, enfatizando as contradições que marcam o enfrentamento de forças no âmbito da luta armada. Ao relatar à tia Dada sobre o aparato militar que acompanha os chefes de estado durante os desfiles cívicos, o menino-narrador surpreende-se com a declaração da tia de que em Portugal o presidente sai à rua sem veículos blindados. Do mesmo modo, a tia Dada toma conhecimento de que os bandidos presos em flagrante delito são chacinados pela polícia, ou que se constitui em ameaça de morte sair de carro durante o desfile presidencial, por conta da insegurança reinante, podendo ocorrer o risco dos ocupantes do veículo serem metralhados pelas forças oficiais. Mais ainda, surpreende-se a visitante de que exista uma praia destinada apenas aos soviéticos, o que reforça o sentido contraditório do regime, a que sugere a narrativa.

Como consequência da guerra civil, a necessidade de defender o país agrava ainda mais o clima de beligerância, o que obriga a população a lidar com ameaças constantes e situações de perigo iminente. A isso se acresce a opinião divergente de António, cozinheiro da família, que deplora a condição de escassez desse tempo de crise, acreditando que tudo era melhor no período da dominação portuguesa, quando, segundo ele, havia pão e os machimbombos funcionavam. Assim, a narrativa de Ondjaki abre espaços à relativização do processo revolucionário, uma vez que um suposto sentido de pensamento hegemônico é contraposto à opinião de quem tinha no colonialismo português algum motivo para diferenciá-lo positivamente. Em verdade, a partir de *Bom dia, companheiros* Ondjaki evidencia a

possibilidade da revolução ter resultado em outra forma de colonialismo, na medida em que a presença da União Soviética em Angola reproduz modelos de dominação. Assim, Ondjaki estende para além do socialismo os descaminhos inerentes ao fascínio que o poder exerce.

Na escola, os professores cubanos Ángel e sua esposa María são expressões de uma consciência humana que cativa os alunos a partir do sentido de solidariedade que ultrapassa a colaboração entre países. Daí a amizade que se forja entre o menino-narrador e os mestres cubanos transparecer os aspectos de maior densidade em toda a narrativa, constituindo-se em campo de força capaz de configurar o tema da infância como grande referência presente na obra de Ondjaki. Com a publicação de *Os da minha rua* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, pode ser estendida a *Bom dia, camaradas* o ponto de vista da infância como matéria-prima referente a um espaço de tempo que corresponde aos últimos anos da colaboração de soviéticos e cubanos, quando o socialismo sofreu um duro revés, simbolizado pela derrubada do muro que o separava do capitalismo. A experiência socialista em Angola, na voz do menino-narrador, põe a olhos nus a imposição de um regime que, por conta da situação incontornável que envolve a guerra civil, deixa poucos espaços ao debate, suscitando questionamentos que aprofundam o caráter personalista do poder.

O episódio da parada cívica, ou ainda, o da visita do inspetor escolar são revestidos de certa dose de imposição, caracterizando o aspecto estritamente absoluto das medidas em nome da revolução. Os garotos da escola, portanto, são representações de um sentimento patriótico que acaba por não se confirmar, uma vez os apelos do consumo sem crítica, a partir das pressões contrarrevolucionárias, que culminam no desmoronamento do regime, tendem a se confirmar. Assim, o mercado Roque Santeiro, nome da novela brasileira de enorme sucesso na televisão, pode funcionar como síntese mais completa do sentido de vale-tudo em que Angola acabou por se converter. Nesse local, negocia-se tudo, desde peças para computadores e automóveis até o sexo infantil como mercadoria altamente rentável, haja vista a rede de prostituição que aí se ramificou. Por tudo isso, o final da narrativa aponta a direção crepuscular de uma utopia fadada ao malogro, na medida do seu descumprimento. Os professores cubanos Ángel e María despedem-se, não só do país, mas especialmente do grupo escolar com que conviveu e estabeleceu relações de aprendizado e companheirismo, evidenciando laços da fraternidade humana, o que parece avançar para além do socialismo.

Valdemar Valente Junior, Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ.
Professor Assistente da Universidade Castelo Branco e da Faculdade Paraíso.